

JUVEN TUDE(S) PENSAR E AGIR

Organização

Gilberta Pavão Nunes Rocha

Rolando Lalanda Gonçalves

Pilar Damião de Medeiros

Índice

- 7 Prefácio**
João Teixeira Lopes
- 11 Introdução**
Gilberta Pavão Nunes Rocha, Rolando Lalandia Gonçalves e Pilar Damiano de Medeiros
- 19 Youth in european contemporary history - a history of blurred boundaries?**
Knud Andersen
- 31 The “the teen-age tide” and its symbolic undercurrents: media, history and the social construction of young consumers**
Bill Osgerby
- 61 A cultura política dos/as jovens: sobre os movimentos alternativos na atual conjuntura**
Paulo Vitorino Fontes
- 79 Os jovens portugueses (do continente) e os media. Um olhar quantitativo #withfilters**
Jorge Vieira
- 117 A relação entre os jovens e a rede social Facebook**
Carla Rocha, Solange Ponte e Suzana Nunes Caldeira
- 137 Práticas digitais de jovens em Portugal: mudanças e continuidades do contexto tecnológico aos ambientes familiares**
Cristina Ponte
- 163 “É uma situação complicada”. Perspetivas sobre o dano nas vidas e culturas digitais de crianças em idade escolar**
Teresa Sofia Castro
- 189 A sistémica qualitativa e a análise dos consumos de media**
Rolando Lalandia Gonçalves
- 203 Porque negam os jovens a influência dos media? Uma análise dos discursos dos estudantes sobre as suas escolhas escolares**
Benedita Portugal Melo
- 225 Relações interpessoais entre Jovens. Que exemplo oferecem os Media?**
Marta Tavares, Filipa Cabral, Suzana Nunes Caldeira e Osvaldo Silva

- 235 **Conselho da Comunidade Educativa – o órgão máximo da direção das escolas da RAMadeira como promotor de intervenção democrática dos jovens no seu percurso e na sociedade**
Paula Gomes da Lage Olim e João Carlos de Gouveia Faria Lopes
- 253 **Da escola para o mundo do trabalho, perfis de transição para a vida ativa**
Fernando Diogo, Ana Cristina Palos e Osvaldo Silva
- 281 **Jovens e emprego: tipologia de inserções profissionais**
Ana Cristina Palos, Fernando Diogo e Osvaldo Silva
- 317 **Formação profissional e oportunidades juvenis: perfis sociais, formativos e ocupacionais**
Ana Matias Diogo
- 345 **Jovens, Migrações e Desenvolvimento Regional**
Maria da Saudade Baltazar, Isabel Joaquina Ramos, Conceição Rego, Andreia Dionísio e Maria Raquel Lucas
- 377 **Juventude e Desenvolvimento: o caso de Timor-Leste**
José António Lourenço da Costa e Maria da Saudade Baltazar
- 409 **Jovens açorianos e a recente crise económica: (e)migrar é solução?**
Gilberta Pavão Nunes Rocha e Derrick Mendes
- 429 **Entrada por Saída. As dinâmicas de residência e de usufruto lúdico da população jovem na cidade de Lisboa**
Luís Vicente Baptista, Maria do Rosário Jorge e Jordi Nofre
- 459 **Notas biográficas**

Introdução

GILBERTA PAVÃO NUNES ROCHA
ROLANDO LALANDA GONÇALVES
PILAR DAMIÃO DE MEDEIROS

O título desta obra *Juventude(s): Pensar e Agir* coloca a questão da velha dicotomia da construção sociológica entre os partidários do sentido prático e os da ação reflexiva. Boltanski e Thévenot propuseram, para ultrapassar este debate, distinguir os diferentes tipos de comprometimento dos atores designados *regimes de ação*. (Corcuff, 1997).

Com efeito, o pensar e o agir só analiticamente podem ser distinguidos porque estão profundamente interligados e também porque se relacionam com formas de agir que conferem um sentido à ação. Analisar as diferentes juventudes(s) é também admitir que existem *dilemas de labirinto* (Machado Pais, 2001) que marcam a suas ações e trajetórias que contextualizam as suas formas de pensar e de agir.

Ao longo dos anos os estudos sobre a juventude oscilaram entre enfatizar a unidade da condição juvenil ou evidenciar a heterogeneidade dos trajetos e dos percursos dos jovens. Os capítulos que compõem este livro mostram bem a pluralidade que caracteriza a juventude, o que faz com que o critério geracional deva ser, nas análises sociológicas e demográficas, construído com múltiplas precauções, evitando as ambiguidades associadas à construção do próprio senso comum no que se refere à construção social da ideia de juventude.

As desigualdades e a pluralidade de trajetórias entre os jovens mostram diferenças nos processos de mediação, pois estes, enquanto atores sociais, confrontam-se com obstáculos gerados por efeitos de estrutura ou por contextos sociais diferenciados, onde a posse de capital económico, social, cultural (Bourdieu, 1964, 1979, 1984) é determinante para compreender as lógicas e os sentidos da ação postos em evidência nos diversos capítulos deste livro.

Mais do que explorar novas pistas de reflexão adotou-se aqui uma perspetiva ampla e dinâmica onde se põe em evidência a evolução histórica,

a relação dos atores jovens com diversas instituições, como a família, os media, a escola, as organizações de trabalho, ou os processos de mediação gerados pelas novas tecnologias da comunicação, bem como a sua crescente mobilidade territorial.

As lógicas de ação dos jovens postas em evidência em todos os capítulos deste livro desafiam por isso a esfera política para que na construção de Políticas Públicas seja considerada a necessidade da diminuição dos fossos inter e intra-geracionais, em especial os que marcam a modernidade tardia nos Açores.

Os três primeiros textos apresentam um enquadramento histórico, social e cultural do conceito de Juventude, sendo transversal a todos a relação entre juventude e mudança social, especialmente a sua relação com os movimentos sociais, novas formas de participação política e atitudes culturais. Desde os anos 1950 que as culturas juvenis, as revoltas juvenis e os estilos juvenis influenciam o desenvolvimento da sociedade. Knud Andersen e Bill Osgerby identificam as representações maniqueístas que o conceito acarreta. Por um lado, depois da II Guerra Mundial, a cultura juvenil é apresentada como uma *malaise* social, associada à delinquência juvenil, gerando até pânico moral e, por outro, com a proliferação de indústrias juvenis americanas nos anos 1960, que desenham uma iconografia mediática dos jovens como avatar de prazer e prosperidade, serve de reflexo da era de abundância do consumo e de harmonia social. Para Osgerby, e a partir de uma análise comparativa entre EUA e Inglaterra, é de assinalar o real aumento do poder de consumo dos adolescentes a partir de finais dos anos 50. Enquanto identidade fabricada pelas indústrias culturais (Adorno & Horkheimer, 1947), os adolescentes tornam-se uma mina de ouro a ser explorada pelos marketers e publicitários que, ao mesmo tempo que cristalizam e popularizam um imaginário distinto e estilos de vida que se traduzem em sinónimos da cultura juvenil, incutem valores direcionados para o entretenimento e compra de bens.

Tais abordagens sofrem, todavia, alterações aquando da emergência dos Novos Movimentos Sociais. Já em 1969, Alain Touraine (1969) encara a juventude como o motor mais importante de mudança social. Contudo, as lutas dos filhos do *Welfare State* já não se centram na redistribuição da riqueza, mas sim na liberdade individual, no reconhecimento de estilos e preferências identitárias. Com os movimentos da modernidade pós-industrial – movimentos ecológicos, pacifistas, estudantis, feministas, homossexuais, civis, antinucleares, regionalistas, entre outros – que incidem sobretudo na

subjetividade dos atores, pessoal e coletiva (Wieviorka, 2008) dá-se “o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* – uma identidade para cada movimento” (Hall, 2003, p. 44). As múltiplas subjetividades inerentes à emergência do “Sujeito Cultural” (Touraine, 2005) dão, assim, origem a uma pluralidade de subculturas juvenis características da “condição pós-moderna” (Lyotard, 1979). Enquanto Andersen adota como o segundo e último movimento juvenil a revolta de 1980/81 tendo lugar, com particular incidência, nos países do norte da Europa (Suíça, Dinamarca, Alemanha Ocidental e Holanda), Osgerby e Fontes destacam a atual relevância do papel dos jovens *Millennials* nos Movimentos Globais. Conforme sugere M. Wieviorka (2008, p. 115), “[o]s movimentos globais não se apresentam, ou não se apresentam somente, sob o ângulo da luta contra a dominação clássica, o seu maior estímulo não é combater as lógicas de exploração. Têm sobretudo sede de construir um outro mundo e de acabar com diversas formas de desprezo e de ignorância que os deixam à parte”. O atual ativismo de muitos jovens contra o slogan redutor e totalitário TINA (*there is no alternative*), contra as medidas de austeridade e as elevadas taxas de desemprego jovem são alvo de análise no texto de Paulo Fontes. Ao estudar a relação da juventude com a política e a sua participação em vários “movimentos globais” (ex. “Indignados” e “Occupy”), Paulo Fontes apoia-se na posição de Boaventura de Sousa Santos (2007) que convoca um procedimento de tradução com o objetivo de estimular entre os movimentos e organizações sociais progressistas a vontade de criar em conjunto saberes e práticas suficientemente fortes para fornecer alternativas credíveis à globalização neoliberal.

Ao contrário do que muitos tendem a pensar que a *Millennial Generation* é uma geração de acomodação, consumo excessivo, hedonismo, narcisismo e vacuidade, a verdade, salienta Bill Osgerby, é que não poderá ser esquecido que esta aparente acomodação coexiste, por um lado, com períodos de energia contestatária, bem como com uma construção imagética da juventude associada ao dinamismo cultural, a uma criatividade vibrante e a um empreendedorismo, filho da agenda neoliberal. Para Osgerby, a Geração Web 2.0 assume, também, uma relação ativa, direta e de apropriação com os *media*, obrigando-os a reconfigurar as suas práticas e a adoptar uma filosofia de co-criação. Os *media* reconhecem os jovens do século XXI como: “They’re doers. They’re participators. They’re creators”. Sem descurar o poder, a influência e as

estratégias calculistas dos produtores culturais hodiernos, a realidade é que, para o autor, as novas tecnologias permitiram inaugurar uma nova era de convergência entre processos de produção e de consumo, como também abriram um espaço de participação e de oportunidade para experiência e expressão coletiva. Embora Knud Andersen reconheça o potencial de mudança associado às culturas juvenis, o historiador afirma que as fronteiras geracionais dantes visíveis (veja-se por exemplo entre 1960 e 1980) deixaram de existir. Conceitos como “juventude” e “cultura pop” tornaram-se em estilos de vida e sistema de valores agora absorvidos pela cultura *mainstream*, criando, desta forma, uma lógica de continuidade intergeracional (Machado Pais, 1990). Andersen termina num tom cético, acreditando que a relação entre juventude, como geração vanguarda, e mudança social deixou de fazer sentido nas sociedades ocidentais, onde predominam o hiperconsumo (Lipovetsky & Serroy, 2014), a individualização, a atomização e a entropia cultural.

Posteriormente, encontramos um conjunto de textos com abordagens mais específicas, direcionadas para os consumos e a relação com os *media*. Profundamente ligada aos processos de socialização, esta relação com os *media* e com as TIC é, no contexto do desenvolvimento de múltiplas modalidades de acesso, um processo gerador de desigualdade, de iliteracia de inclusão/exclusão.

Segundo Jorge Vieira esta relação é uma experiência mediada que faz cada vez mais parte das grelhas de sentidos, processos de leitura e interpretação do mundo. Salienta que estas diferenças são reveladoras de fraturas, por vezes escondidas, nos múltiplos processos sociocognitivos que agenciam. Teresa Sofia Castro, ao analisar o impacto no quotidiano das crianças, cada vez mais mediado pelas novas tecnologias, mostra que se os adultos privilegiam os valores morais e as normas sociais, as crianças, por outro, valorizam mais o contexto e a sua competência para tomar decisões e construir a sua própria biografia.

A dimensão de ator e de agente, que configura de forma pragmática a relação dos *media* e as novas tecnologias da informação, encontra-se também presente no texto de Benedita Portugal Melo. Neste sentido, ao negarem a influência dos *media*, no quadro das suas escolhas escolares, os jovens mostram a importância das mediações para compreensão da subjetividade na construção social da realidade.

Para uma melhor compreensão deste processo, Cristina Ponte analisa as práticas digitais de jovens (13-16 anos) em Portugal comparando os resultados nacionais de estudos europeus entre 2010 e 2014 no quadro da rede europeia *Kids Online*. A atenção foi dada às mudanças verificadas tendo em conta a importância do acompanhamento das tendências aos acessos, usos e atividades e, sobretudo, aos modos de aquisição de competências digitais para evitar que situações de risco se transformem em situações danosas, em especial no contexto das relações familiares. Carla Rocha, Solange Ponte e Suzana Nunes Caldeira propõem uma reflexão do Facebook enquanto plataforma informática para a construção da ação social.

A importância da sociabilidade dos jovens para a compreensão do papel dos *media* em termos de facilitação de modelagem nas idades mais jovens, designadamente no que respeita ao desenvolvimento de competências cognitivas, de resolução de problemas e na sua relação com as instituições escolares - um dos quadros estruturantes da sua socialização, foi objeto de análise por parte de Marta Tavares, Filipa Cabral, Suzana Nunes Caldeira e Osvaldo Silva. Nestes contextos, de inculcação de formas de organização da realidade, emerge a construção de uma cidadania ativa e participativa, temática abordada por Paula Olim e João Lopes a partir de uma análise sobre o papel do Conselho da Comunidade Educativa na Região Autónoma Madeira. O questionamento do jovem, enquanto ator da mudança social, foi neste caso feito a partir da necessidade de aperfeiçoar o modo de agir das organizações escolares.

Numa outra dimensão regista-se a análise de Fernando Diogo, Ana Cristina Palos e Osvaldo Silva. Na busca por caracterizar os perfis de transição da escola para a vida ativa, mostram os seus múltiplos processos de interação social e de socialização. Ao pôr em evidência a incerteza que se verifica nas trajetórias profissionais, bem como a acentuada segmentação dos perfis de transição, os autores revelam as desigualdades de oportunidades e *habitus* de classe presentes nas diferentes formas de inserção no mundo do trabalho.

É ainda neste quadro que, no tocante ao emprego, Ana Cristina Palos, Fernando Diogo e Osvaldo Silva, num outro texto, citando Nicole-Dancourt & Roulleau-Berger, mostram que as aspirações construídas ao longo de processos de escolarização, cada vez mais prolongados, esbarram em cenários macroeconómicos onde um sistema único de emprego tende a ser substituído por sistemas plurais, que multiplicam os empregos “trampolim”

e “satélites” construídos na margem do “emprego clássico”. Os perfis de inserção profissional são, assim, marcados pela incerteza e esta é tanto maior quanto a origem social é desfavorecida e as trajetórias escolares problemáticas.

Esta desigualdade de perfis encontra-se também presente na análise de Ana Diogo a propósito do acesso à formação profissional na Região Autónoma dos Açores. Com efeito, a autora refere que, tanto a procura de ensino profissional, como a de formação, parecem configurar realidades marcadas por desigualdades de oportunidades de qualificação e de emprego entre os jovens. Neste sentido, a construção das desigualdades emerge com clareza associada a lógicas naturalizadas de opções de formação profissional por parte dos jovens que são marcantes nas trajetórias e perfis de formação analisados.

O livro termina com uma outra dimensão de grande atualidade, principalmente no que respeita à população jovem - a mobilidade. Se as migrações comportam um leque muito abrangente de enfoques em diversas áreas disciplinares, a perspetiva económica desde sempre se releva e é considerada como o suporte em que as restantes se sustentam. As melhorias nas condições de vida, a entrada no mercado de trabalho ou as vantagens de progressão na carreira profissional, são a base mais comum que leva os jovens a abandonarem o país ou a região de origem. Todavia, para a compreensão dos momentos ou dos destinos convocam-se, entre outros, os conhecimentos da História e da Ciência Política, tendo em conta o passado e o presente das relações internacionais, e os da Geografia e Demografia quando se estuda a ocupação do território, a desertificação ou, no sentido inverso, a concentração urbana e os novos modos de vida e lazer.

Todas estas perspetivas são abordadas nos últimos quatro capítulos, ainda que respeitantes a territórios distintos, sendo que a tónica do desenvolvimento surge de forma mais explícita nos dois primeiros, da responsabilidade de Maria da Saudade Baltazar, Isabel Joaquina Ramos, Conceição Rego, Andreia Dionísio e Maria Raquel Lucas, por um lado, e de José António Lourenço Costa e Maria da Saudade Baltazar, por outro.

Se este último faz uma análise bastante abrangente da evolução dos jovens em Timor-Leste, dando um enfoque especial à mobilidade e à excessiva concentração urbana na capital, não deixa de explicitar as qualificações como fator importante no processo de desenvolvimento daquele país. Por outro, o primeiro texto desta última parte, sublinha a desigualdade

na ocupação humana do continente português, em especial a grande concentração nas áreas metropolitanas, associando-a à mobilidade, com uma fundamentação teórica circunstanciada, designadamente na perspetiva económica, sem deixar, no entanto, de identificar outros aspetos que influenciam a decisão de emigrar, como o contexto escolar ou familiar.

É ainda a mobilidade que configura os outros capítulos, em primeiro lugar o de Gilberta Pavão Nunes Rocha e Derrick Mendes relativamente à perspetiva de emigrar de alguns dos jovens açorianos qualificados, ou em qualificação de nível universitário. Analisam a evolução nos anos de crise económica, quando aumenta o desemprego nos Açores, como acontece em todo o País, e as perspetivas profissionais se apresentam dificultadas. Sublinham também a possibilidade de mudanças nos destinos tradicionais da Região - os países do continente norte-americano, começando a surgir pela primeira vez na história recente dos Açores a vontade para emigrar para os países europeus.

Em segundo lugar, no último capítulo, Luís Baptista, Maria do Rosário Jorge e Jordi Nofre apresentam uma análise bastante inovadora sobre a atração de jovens na cidade de Lisboa, cujas entradas estão associadas não só ao turismo, a novas formas de lazer, realização de atividades lúdicas, mas também à frequência de cursos universitários. Estas mudanças alteram não só o perfil demográfico dos habitantes da capital, como o dos seus bairros, em especial os históricos, fruto dos processos de recuperação e regeneração urbana que se têm vindo a verificar.

A análise da mobilidade e das alterações territoriais e demográficas dela decorrentes incorpora ainda a perspetiva do desenvolvimento regional, em sentido amplo, no qual as regiões de entrada podem ser beneficiadas, como é o caso de Lisboa e das regiões metropolitanas do continente português, o que não acontece com as de saída, como o interior de Portugal Continental ou os Açores.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W., & HORKHEIMER, M. ([1947] 1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOURDIEU, P. (1964). *Les heretiers*. Paris: Minuit.
- BOURDIEU, P. (1979). *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.
- BOURDIEU, P. (1984). *Questions de sociologie*. Paris: Minuit.
- CORCUFF, P. (1997). *As novas sociologias*. Sintra: VRAL.
- HALL, S. (2003). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio Janeiro: DP&A.
- LIPOVETSKY, G., & SERROY, J. (2014). *A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Lisboa: Edições 70.
- LYOTARD, J-F. ([1979] 1989). *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva.
- MACHADO PAIS, J. (1990). A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, XXV(105-106), 139-165.
- MACHADO PAIS, J. (2001). *Ganchos, tachos e biscates*. Porto: Ambar.
- SOUSA SANTOS, B. (2007). *Renovar a teoria critica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- TOURAINÉ, A. (1969). *La société post-industrielle. Naissance d'une société*. Paris: Denoël.
- TOURAINÉ, A. (2005). *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Lisboa: Instituto Piaget.
- WIEVIORKA, M. (2008). *Nove lições de sociologia: como abordar um mundo em mudança?* Lisboa: Teorema.

JUVENTUDE(S): PENSAR E AGIR

Organização: Gilberta Pavão Nunes Rocha
Rolando Lalanda Gonçalves / Pilar Damião de Medeiros

Diretor da coleção: Manuel Carlos Silva
Subdiretores: Luís Baptista e Ana Paula Marques

Capa: António Pedro

© Edições Húmus, Lda e Autores, 2017
End. Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão
Tel. 926 375 305
E-mail: humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão
1.ª edição: Dezembro de 2017
Depósito legal: 435833/17
ISBN: 978-989-755-314-1

Coleção Debater O Social – 50